

A CONSTRUÇÃO DO FEMININO E SUAS SEXUALIDADES EM GRAFITOS ESCOLARES

Adriano Rogério Cardoso *
Tânia Regina Zimmermann **

Resumo: Este trabalho objetiva uma reflexão sobre as representações das sexualidades e de gênero em grafitos produzidos por adolescentes em uma Escola Estadual na cidade de Pontalinda, SP entre os anos de 2018 e 2019, bem como identificar e analisar nas imagens alguns anseios, dúvidas, construção de feminilidades, as subjetividades, estigmas e preconceitos de gênero. Em relação a metodologia optamos por uma pesquisa descritiva-exploratória, de cunho qualitativo, no qual utilizaremos elementos da análise crítica de discurso (ACD), pois esta contribui para pensar o conjunto da produção das falas e imagens presentes nos grafitos, permite examinar os aspectos linguísticos, imagéticos e socioculturais. Os resultados parciais da pesquisa apontam a carência de pesquisas sobre essa temática e a existência crescente de preconceitos de gênero e de sexualidades nas escolas. Advogamos a necessidade de problematizar questões de gênero e sexualidades nos discursos das políticas curriculares e nos processos de formação de educadores(as). Medra-se a possibilidade de uma reflexão, de (des)construção de preconceitos e de estereótipos generificados permitindo a formação de pessoas críticas e conscientes em suas subjetividades.

Palavras-chave: Sexualidades. Relações de Gênero. Grafitos.

THE CONSTRUCTION OF FEMININE AND THEIR SEXUALITIES IN SCHOOL'S GARFFITI

Abstract: This paper aims to reflect on the representations of Sexualities and gender in graffiti produced by adolescents in the state school, in Pontalinda, SP between the years 2018 and 2019. The aim was to identify and analyze the images observing desires, doubts, and construction of femininity, subjectivities and gender prejudice. In relation to the methodology applied, we opted by descriptive-exploratory research, of qualitative nature, in which we will use elements of Critical Discourse Analysis (CDA) because it contributes to think the whole production of the speeches and images present in the graffiti, because it allows to examining the linguistic, imagetic aspects with sociocultural aspects. The research results indicate the lack of research on this subject and the growing existence of gender and sexualities prejudices in schools. We advocate the need to problematize issues of gender and sexualities in the discourses of curricular policies and in the processes of teacher training. Thriving the possibility of a reflection, of (des) construction of prejudices and generified stereotypes allow the formation of critical and conscious citizens in their subjectivities.

Keywords: Sexualities. Gender Relations. Graffiti.

Introdução

Esta pesquisa objetivou identificar elementos da sexualidade e questões de gêneros por meio dos grafitos produzidos por adolescentes em uma ambiência escolar. Percebemos que em nossa sociedade há a reprodução e manutenção de

discursos elaborados e difundidos a partir da era vitoriana no século XIX referente a proibição da sexualidade tratada como tabu.

As teorias de gênero, pensamentos feministas, estudos *queer* ao ganharem visibilidade e aumentarem suas conquistas, despertaram inimigos severos que travam batalhas constantes declaradas. Instituições religiosas, políticas, familiares encontram-se na linha de frente e a escola tem sido um campo poderoso a ser conquistado.

Conforme ilustrou Paraíso (2018) o *slogan* “ideologia de gênero” é a causa primeira, motivadora das questões discursivas que atacam os feminismos, as teorias *queer*, considera gênero uma ideologia não científica, contrária aos interesses da família tradicional, portanto, gênero e sexualidade devem ser mantidos fora da escola sob pena de punições e processos contra aqueles(as) que se atreverem a ensinar as temáticas gênero e sexualidade.

Se não bastasse esse ódio declarado, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) invisibilizou dos seus textos questões de gênero, de sexualidade e questões relacionadas às mulheres. Entendemos que em um documento que deveria servir de base para elaboração do Currículo Nacional, isso é preocupante. Sendo assim, os temas gênero e sexualidade poderão ser entendidos como irrelevantes e desnecessários ao ensino.

A discussão sobre ideologia de gênero é interpretada como sendo contrária à família, coloca em ação inúmeras estratégias para impedir a sua discussão na escola, veicula um ódio declarado aos movimentos feministas contemporâneos e aos direitos de todas as pessoas que não identificam seus desejos sexuais com os desejos dos(as) heterossexuais, busca interromper as conquistas dos direitos das mulheres e dos grupos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBTs+), consideram controlar o currículo, os materiais escolares e os/as docentes. Os fatores expostos são preocupantes e carecem reflexões e discussões.

O ato de grafitar é colocado pela instituição como algo fora da norma, que deve ser reprimido, identificamos, no entanto, uma pulsão por parte dos(as) alunos(as) nessa direção dado ao número diário das imagens produzidas pelos(as) alunos(as). Talvez se houvesse na ambiência escolar e nos currículos espaços inventivos, de liberdade que proporcionassem a problematização, a desconstrução e possibilitassem a felicidade desses(as) jovens, tais manifestações teriam um outro direcionamento,

ou recorte. Apresentariam posicionamento crítico, político, consciente de sua posição de cidadão(ã) a ser respeitado(a) pelo que é, assim como respeitaria as diferenças dos(as) outros(as).

Em relação à metodologia trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo-exploratório de cunho qualitativo. Utilizamos elementos de Análise Crítica de Discurso (ACD) (VAN DIJK, 2017; FAIRCLOUGH, 2016). Entendemos que a supremacia hegemônica, heteronormativa, imperativa presente e divulgada nos discursos políticos, sociais, culturais, religiosos e curriculares trazem cargas ideológicas para a manutenção de poder e submissão das classes populares, incluindo as minorias (mulheres, gays, negros(as), indígenas, etc.).

Para a lida com as imagens recorreremos a contribuições semióticas peircianas pela visão de (SANTAELLA, 2012; 2018). “O próprio ato de fotografar ou filmar um determinado evento já inclui a ‘transcrição’ de uma ideia em uma representação, no caso visual” (GÜNTHER, 2006, p. 205). Os grafitos fotografados, a nosso ver, são textos verbo-visuais e nos possibilitam analisar, inferir, realizar interpretações sobre elementos sociais, psicológicos, históricos, culturais, discursivos presentes nas imagens.

De acordo com Santaella (2018) é preciso dar tempo para que o signo nos fale. Em relação aos níveis interpretativos das imagens estes “distribuem-se em três camadas”, a primeira é a “camada emocional, ou seja, o signo é capaz de produzir em nós sentimentos ou emoções”; a segunda é “a camada energética, quando o signo nos impele a uma ação física ou puramente mental”; e a terceira é “a camada lógica, esta a mais importante quando o signo visa produzir cognição” (SANTAELLA, 2018, p. 40). As três camadas seguem, juntas.

A coleta dos grafitos captados por celular ocorreu entre agosto de 2018 e dezembro de 2019 em horários que não havia alunos no ambiente escolar. A direção da escola nos autorizou a coletarmos e fazer uso das imagens dos grafitos coletados. As imagens foram organizadas em arquivos eletrônicos por temas. Encontramos 26 grafitos representando relações sexuais-heterossexual, 9 relações homossexuais masculinas, 5 relações homossexuais femininas, 125 grafitos referentes a xingamentos, 137 pênis, 30 vaginas/vulvas, 201 corpos masculinos, 62 corpos femininos e outros 283 grafitos diversos referentes a versos musicais, poesias,

recados, lembretes, maconha, armas, meios de transportes, animais, provérbios, citações bíblicas, elementos de religiosidade, totalizando 878 grafitos.

O interesse em investigá-los está relacionado a entender as motivações dos (as) alunos (as) em suas produções diárias. Há algo oculto que os grafitos possam nos revelar?

Os grafitos expressam subjetividades dos(as) alunos(as), amizades, afetos, elementos cotidianos, anseios, dúvidas, curiosidades, desejos sexuais, mazelas, opiniões religiosas, familiares, políticas, questões culturais, sociais, econômicas, psicológicas e sexuais. Proibir ou invisibilizar temáticas como gênero e sexualidade nos parece ser inviável, pois os grafitos expressam questões de gênero e sexualidade continuamente no ambiente escolar. Por que calar essa sexualidade pulsante?

Advogamos sobre a importância em problematizar questões de gênero e sexualidade na educação, incluindo os processos de formação de professores (as), políticas reflexivas sobre a desconstrução de preconceitos, luta por direitos igualitários, respeito pela vida e pela diversidade. Assumir posicionamentos feministas de respeito às diferenças de gênero, ser mulher ou apresentação de traços de feminilidade não podem ser sinônimos de inferioridade. A efemíofobia deve ser combatida.

Algumas representações de gênero em ambiência escolar

No município de Pontalinda-SP na década de 1940 e anos subsequentes “a maior preocupação dos pais era preparar os filhos para o casamento, que acontecia logo cedo. Dificilmente, uma moça deixava para casar depois dos vinte anos” (FERREIRA, 2013, p. 66). Evitando o estigma de ficar para tia, encalhada ou solteirona.

Meninos e meninas acompanhavam os pais em atividades na roça.

Chegando em casa, meninas e moças ajudavam a mãe nos afazeres domésticos. Os meninos, após cuidarem dos animais dando água e comida, ou realizando outros afazeres, como partir lenha, desfrutavam de momentos de lazer, do jogo de bola de meia [...] (FERREIRA, 2013, p.68).

À noite, depois do jantar era comum a prática de visitas, que não ultrapassavam as dez horas da noite. Eram apreciados jogos de baralhos, ouvir rádio, uma roda no terreiro na frente da casa onde se tocava música de viola, muito “apreciadas pelas moças.” Talvez, essa apreciação fosse falta de opções. “Nessa hora, a brincadeira de passar anel, talvez, fosse aquela da qual as moças mais participavam. Era uma maneira de as moças poderem pegar nas mãos dos rapazes” (FERREIRA, 2013, p. 70). Em outras condições e contextos, esse ato, poderia ser visto como inadequado e a moça poderia ser mal vista, mal falada e até não conseguir um bom marido.

A moral era o maior mecanismo de repressão para inibir a libido natural. A moça que praticasse adultério, ou apenas praticasse um namoro considerado mais avançado para a época, era motivo para que outros pais não deixassem suas filhas manterem amizade e, muito menos, seus filhos se casarem com elas. Por isso, todas essas brincadeiras eram sempre policiadas pelos mais velhos, que de um lado do terreiro, contavam casos de assombração, aterrorizando as crianças (FERREIRA, 2013, p. 70).

Percebemos aqui uma narrativa androcêntrica de Ferreira (2013), pois atos punitivos e de vigilância centravam-se no feminino. Em seus relatos, os casos em que ocorressem atos de liberdade sexual, alguns pais levavam as moças em cidades maiores para “entregar sua filha a uma casa de prostituição” (FERREIRA, 2013, p.71), em decorrência do controle moralista, machista, heteronormativo, misógino e religioso presentes.

Hodiernamente muitas mudanças ocorreram em relação aos comportamentos de mulheres e seus posicionamentos sociais e políticos. Porém, aspectos da repressão sexual daquela época deixaram fissuras na sociedade pontalindense.

No Brasil, até recentemente, matava-se mulheres por honra e a justiça considerava esse argumento da honra como verdadeiro e legítimo, “[...] tanto que praticamente absolvem os homens que matam suas mulheres” para lavar a honra, por terem recebido “gaia¹” (GROSSI, 2004, p. 12).

A partir de 22 de setembro 2006, com o advento da Lei 11.340 intitulada Lei Maria da Penha de 07/08/ 2006 (BRASIL, 2006) visou punir atos de violência contra a mulher. Posteriormente, a Lei do feminicídio aprofunda esse regulamento jurídico.

Temos inúmeros exemplos no noticiário jornalístico e ainda exemplos musicais no cancionário brasileiro que ilustram esse processo de violações, no qual a mulher é

morta pelo companheiro em nome da honra, por ele ter levado gaia. Damos destaque à música “O Ipê e o Prisioneiro” de José Fortuna (FORTUNA, 1944) (ANEXO 1). Vejamos o excerto abaixo:

[...] Vejo em seu tronco cipó parasita te abraçando forte. Enquanto te abraça, suga a tua seiva, te levando à morte. Assim foi comigo, ela me abraçava depois me traía. Por isso a matei e agora só tenho sua companhia [...] (FORTUNA, 1944).

Outro exemplo, no excerto abaixo, da música “Cabocla Tereza” (PACÍFICO, 1944) (ANEXO 2) de João Batista da Silva, cujo nome artístico é João Pacífico (letra) e Música de Raul Torres. Os versos abaixo abarcam o feminicídio. Percebemos o processo de construção do feminino, da sexualidade nos excertos musicais, assim como nos grafitos escolares.

Ao feminino lhe era negado o prazer sexual. Permitido apenas para fins de procriação ou satisfação do macho (FOUCAULT, 2018). Aquelas que descumprirem essas normas podem ser vítimas de tragédias, incluindo feminicídio (DEL PRIORI, 2014).

[...] O meu sonho nesse oiá
Paguei caro meu amor
Pra mór de outro caboclo
Meu rancho ela abandonou.

Senti meu sangue fervê
Jurei a Tereza matá
O meu alazão arriei
E ela eu vô percurá.

Agora já me vinguei
É esse o fim de um amor
Esta cabocla eu matei
É a minha história, dotor. [...] (PACÍFICO, 1944).

Afinal definiu-se em nossa cultura que um homem honrado é aquele que tem uma mulher de respeito, recatada, controlada, pura, etc. Mas é papel da mulher o poder de manter a honra do marido, caso “[...] contrário ele perde a sua honra” (GROSSI, 2004, p. 12). Claudia Fonseca (1991) no texto “Cavalo amarrado também pasta” analisa a questão da honra no Brasil pelo viés mediterrânico. “Como a honra masculina depende exclusivamente das mulheres, os homens precisam controlar as

mulheres: um pai tem que controlar suas filhas; um marido tem que controlar sua mulher” (GROSSI, 2004, p. 12). Entretanto, a mulher por meio da fofoca pode pôr em dúvida a honra do marido e o valor masculino.

Esse imperativo da honra masculina e feminina valorou o homem heteronormativo e branco como o centro. Inclusive valorizado e validado por matriarcas. No entanto, o projeto moderno ignorou um olhar às margens chamadas de minorias: mulheres, gays, negros e jovens.

Segundo Louro (2006) a noção de centro passa a ser desafiada e contestada, na contemporaneidade, uma vez que, a posição central é uma invenção, não é naturalmente dada, portanto, uma posição historicamente construída.

Não se trata propriamente, ou não se trata somente, de pôr em questão o sujeito masculino, branco, heterossexual. É mais do que isso: o que se passa a questionar é toda uma noção de cultura, ciência, arte, ética, estética, educação que, associada a esse sujeito, usufruiu, ao longo dos tempos, de um modo praticamente inabalável e abrangente, a posição privilegiada em torno da qual tudo mais gravita (LOURO, 2006, p. 1).

Pensando nisso, Louro (2006) cita Linda Hutcheon, uma teórica canadense, que nos relata: “[...] foi o desafio à noção de centro, em todas as suas formas. ‘Se o centro não vai continuar’, diz ela, ‘viva as margens!’” (LOURO, 2006, p. 1). Houve uma ruptura e mudança de paradigma, passando-se então a olhar para as margens, ou seja, aos(as) marginalizados(as). Grossi (2004) compartilha desse pensamento, segundo ela “o gênero se constitui em cada ato da nossa vida, seja no plano das ideias, seja no plano das ações. O tempo inteiro a gente está constituindo o gênero no nosso próprio cotidiano” (GROSSI, 2004, p. 9).

Os estudos de gênero são uma das consequências das lutas libertárias dos anos 60, mais particularmente dos movimentos sociais de 1968: as revoltas estudantis de maio em Paris, a primavera de Praga na Tchecoslováquia, os *black panthers*, o movimento *hippie* e as lutas contra a guerra do Vietnã nos EUA, a luta contra a ditadura militar no Brasil. Todos esses movimentos lutavam por uma vida melhor, mais justa e igualitária, e é justamente no bojo destes movimentos "libertários" que vamos identificar um momento-chave para o surgimento da problemática de gênero, quando as mulheres que deles participavam perceberam que, apesar de militarem em pé de igualdade com os homens, tinham nestes movimentos um papel secundário. Raramente elas eram chamadas a assumir a liderança

política: quando se tratava de falar em público ou de se escolher alguém como representante do grupo, elas sempre eram esquecidas, e cabia-lhes, em geral, o papel de secretárias e de ajudantes de tarefas consideradas menos nobres, como fazer faixas ou panfletar (GROSSI, 1998, p. 1-2).

O exposto acima nos convida a pensar nos rituais de construção de feminilidade, menos violentos que os masculinos, pois não precisam separar as mulheres do mundo feminino, apenas “[...] reforçar o vínculo pelo aprendizado das regras deste mundo” (GROSSI, 2004, p. 9) e forçá-las a permanecerem nessas condições. Os estudos *queer* apresentam um olhar questionador, outras possibilidades são possíveis de se vivenciar, possibilita a circulação entre o universo masculino e feminino, questiona e quebra estigmas.

Sendo assim,

Ao falarmos em centro, teríamos de pensar, aqui, em todas aquelas formas de cultura e de sujeito que ocupam o lugar central, o lugar que serve de referência para os demais – e essa posição foi ocupada, historicamente, pelo homem branco ocidental, heterossexual e de classe média urbana. Em seguida, teríamos de pensar no conjunto de movimentos sociais e também teóricos que, na contemporaneidade, vêm desafiando essa posição, ou seja, os movimentos empreendidos por aqueles grupos que, tradicionalmente, foram colocados nas margens: as mulheres, os negros, as chamadas minorias sexuais e minorias étnicas, os jovens. O que parece muito expressivo na pós-modernidade é justamente esse voltar-se na direção das margens e das fronteiras, um certo afastamento em relação à posição central e às ideias que lhe são associadas, tais como as ideias de origem, de universalidade ou de unidade (LOURO, 2006, p. 1).

Por esse viés é possível observarmos então que as minorias passam a ser vistas, ouvidas e analisadas. Incluindo dentre outros, a mulher e suas subjetividades. Segundo Louro (2006) ao citar Linda Hutcheon sobre as “transformações que vivemos desde a segunda metade do século XX” na

[...] década de 60, muitas [...] questões foram bruscamente trazidas à tona, quando o político e o estético se fundiram na chamada contracultura ... Os negros e as feministas, os etnicistas e os gays, as culturas nativa e do “terceiro mundo” não formam movimentos monolíticos, mas constituem diversidade de reações a uma situação de marginalidade e excentricidade percebida por todos (LOURO, 2006, p. 1).

Surgindo assim como palavra de ordem a “diferença”. As mulheres passam então a exibir certos atributos e comportamento de feminilidade. No século XXI, “[...] pensemos na pluralidade. As diferenças não são binárias, são múltiplas” (LOURO, 2006, p. 1), conforme observou Louro e acrescenta que:

Ser uma mulher solteira, o que se constituía, até alguns anos atrás, em motivo para lástima ou para vergonha (lembram-se da solteirona, a “tia” virgem e enalhada?), passou a ser, agora, sinônimo de mulher independente, desimpedida, autônoma. Pode-se supor que quem vive sozinho (homem ou mulher) tenha escolhido voluntariamente essa condição e não tenha sido relegado a ela. Ser solteiro ou estar solteiro passou a ter glamour. A condição é associada com maior possibilidade de consumo e de mobilidade e, o que é muito importante, não implica, de modo algum, ausência de vida amorosa ou sexual ativa. (Tudo isso valendo agora para as mulheres tanto quanto valeu antes para os homens) [...] (LOURO, 2006, p. 1).

Surgem nesse interim olhares sobre as feminilidades múltiplas, bem como de suas sexualidades. Os estudos *queer* contribuem nesse viés. Muitas mulheres passaram a se expor e mostrar contornos que antes não eram tão definidos. Estamos nos referindo àquelas mulheres que tomaram novos rumos em suas vidas. Aquelas que quebraram certos paradigmas e tabus. Mulheres que passaram a viver sua sexualidade passam a ter um ou mais companheiros, ou companheiras, ou ambos. As frentes conservadoras defendem o binarismo (homem e mulher) heterossexual como única direção, por outro lado, é possível identificarmos e vivenciamos experiências sexuais múltiplas, porém, rótulos e estigmas se fazem presentes.

A teoria e a pedagogia *queer* podem contribuir com a possibilidade das pessoas transitarem entre o universo masculino e feminino e serem respeitadas como são. Afinal, a orientação sexual, ou identidade sexual de alguém não é fator que define a sua prática social. Seguimos um padrão cultural opressor, anglo-europeu, heteronormativo, branco, religioso, limitante e precisa ser repensado.

Para ilustrar esse processo construído do feminino temos a *drag queen* que monta seu corpo e se constrói mulher em um processo “paródico”, conforme Louro (2006, p.1) nos apresentou. A feminilidade é múltipla na pós-modernidade.

Segundo Grossi:

[...] os anos 60 constituem um período de grande questionamento da sexualidade: a pílula anticoncepcional passa a ser comercializada, a virgindade enquanto valor essencial das mulheres para o casamento começa a ser amplamente questionada, e se começa a pensar mais coletivamente, no Ocidente, que o sexo poderia ser fonte de prazer e não apenas destinado à reprodução da espécie humana (GROSSI, 1998, p. 2).

Grossi (2004, p.5) afirma ainda que “o fato de haver machos e fêmeas biológicos é só uma questão de contingência, contingência que pode ser mudada graças às novas tecnologias médicas que permitem subverter a ordem ‘natural’ deste corpo”. Por meio de “operações de mudança de sexo permitem tirar ou pôr seios, fazer ou tirar um pênis, construir uma vagina, etc.” (GROSSI, 2004, p. 5).

Na Figura 01 podemos então identificar alguns elementos que marcam as características impressas a um corpo feminino, como sinais de aceitação e adequações a um determinado gênero (feminino).

Figura 01 – Corpo feminino



Fonte: Acervo fotográfico do pesquisador.

Nesse grafito inscrito em uma carteira escolar, feito com o auxílio de um lápis, as linhas são arredondadas e as curvas sugerindo elementos de sensualidade e feminilidade. Observamos reforços em algumas linhas, no ombro, nos braços, pescoço, seios e pernas. As mulheres nessas representações podem ou não estarem seguras com seus corpos. Há aquelas que são mais ousadas nas questões afetivas, sensuais e outras mais reservadas e contidas, mas todas a seu modo vivem suas feminilidades.

Na Figura 01 percebemos cabelos longos, seios avantajados, cintura relativamente fina em relação aos quadris, quadris largos, pernas fechadas, corpo sentado, mãos não aparentes, provavelmente colocadas na parte de traz, corpo em posição semi-perfil, demonstrando sutilmente pelos pubianos. Essa imagem sugere postura, comportamento e posicionamento tradicionais de uma mulher, ainda em condições de nudez. Bourdieu (2012) observou, em sua obra “A Dominação Masculina”, que os pares de oposição como fechado e aberto são atribuições para diferentes gêneros. Seu estudo foi sobre a distribuição da moral sexual e de outras atividades na sociedade cabila, na Argélia, demonstrando sua estrutura:

Arbitrária em estado isolado, a divisão das coisas e das atividades (sexuais e outras) segundo a oposição entre o masculino e o feminino recebe sua necessidade objetiva e subjetiva de sua inserção em um sistema de oposições homólogas, alto/baixo, em cima/embaixo, na frente/atrás, direita/esquerda, reto/curvo (e falso), seco/úmido, duro/mole, temperado/insosso, claro/escuro, fora (público)/dentro (privado) etc., que, para alguns, correspondem a movimentos do corpo (alto/baixo//subir/descer, fora/dentro// sair/entrar). Semelhantes na diferença, tais oposições são suficientemente divergentes para conferir, a cada uma, uma espécie de espessura semântica, nascida da sobre determinação pelas harmonias, conotações e correspondências (BOURDIEU, 2012, p. 16).

Percebemos que os corpos, enquanto construções, materializam os elementos que se espera dele enquanto gênero (masculino/feminino) trazendo consigo, não apenas caracteres biológicos e anatômicos. Trazem imbrincada uma rede de construções agregadas aos corpos tais como: “uma continuidade entre sexo-gênero-sexualidade” (LOURO, 2018, p. 74). Os elementos declarados no binarismo de gênero não apresentam complementaridade, apenas diferenças e distinções declaradas.

Para Louro, ocorre assim uma “lógica binária pela qual o corpo, identificado como macho ou como fêmea, determina o gênero (um de dois gêneros possíveis: masculino ou feminino) e leva a uma forma de desejo (especificamente, o desejo dirigido ao sexo/gênero oposto)” (LOURO, 2018, p. 74). Não se deve fugir ou resistir a esse padrão estabelecido, sob pena de retaliações e punições. Os corpos são criações sociais, assim como a obrigatoriedade do desejo. A educação escolar conservadora e religiosa segue essa linha discursiva. Advogamos que haja discussões, mudanças e quebra desses paradigmas, nas políticas educacionais,

curriculares e processos de formação de professores(as). Esse processo histórico descolinial pode e precisa ser reescrito (SEGATO, 2012). Sabemos que extinguir gêneros, masculino e feminino, seja algo delicado, complexo e utópico, porém, cabe respeitar e possibilitar direitos igualitários a diversidade que transita entre ambos.

Nessa perspectiva, Louro afirma que:

[...] o corpo possa se transformar ao longo da vida, espera-se que tal transformação se dê numa direção única e legítima, na medida em que esse corpo adquire e exhibe os atributos próprios de seu gênero e desenvolve sua sexualidade tendo como alvo o polo oposto, ou seja o corpo diferente do seu. (LOURO, 2018, p. 74).

Nem sempre a vida segue esse fluxo diretivo. Para Grossi “o corpo tem um papel crucial na constituição da identidade de gênero contemporânea, sendo um elemento central na constituição do sujeito” (GROSSI, 2004, p. 10), mas o que falar então das lésbicas na pós-modernidade? Segundo Louro (2006) em relação:

[...] ao mosaico de feminilidades, acrescento aquela que é vivida por mulheres que buscam parceria amorosa com outras mulheres. Como parte integrante da noção de centro, a heterossexualidade também se pretendeu inquestionável. Representada, historicamente, como a única forma de sexualidade normal e, mais do que isso, representada como a forma “natural” de viver a sexualidade, a heterossexualidade parecia “estável”. Não deveria ser contestada, quer como prática quer como conceito. Contudo, já há algumas décadas, ela vem sendo posta em xeque, cada vez mais decisivamente. (LOURO, 2006, p. 1).

Atualmente, cada vez mais, vem acentuando a ideia de que, a “heterossexualidade é apenas uma das muitas possibilidades de sexualidade – ainda que ela seja aquela que compulsoriamente se pretende que todos, homens e mulheres, devam viver” (LOURO, 2006, p. 1). O exposto não deve ser e não é uma regra imutável, o desejo sexual é subjetivo de cada um(a). A escola pode e deve contribuir com práticas discursivas de respeito às múltiplas diferenças.

Instâncias sociais e culturais como família, igrejas, escolas, leis, mídia, médicos, tendem a “afirmar e reafirmar as normas que regulam os gêneros e as sexualidades” e aqueles(as) que se atrevem a atravessarem os “limites ficam marcados como corpos – e sujeitos – ilegítimos, imorais e ou patológicos” (LOURO,

2018, p. 76). Conceitos estes que precisam ser reformulados. Vivemos em tempos fluidos e tais engessamentos moralizantes devem ser repensados.

Os sinais e marcas que determinam um corpo como masculino ou feminino, possibilitam a sociedade identificar claramente “que o sujeito seja reconhecido como pertencendo à determinada identidade; que seja incluído em, ou excluído de determinados espaços; que seja acolhido, ou recusado por um grupo” (LOURO, 2018, p. 77). E ainda que possa ter direitos, reconhecimento, “realizar determinadas funções ou ocupar determinados postos;” “em síntese” que seja “aprovado, tolerado ou rejeitado” (LOURO, 2018, p.77) pela sociedade. Sobre esta questão Seffner (2011) pontua:

[...] para cada espaço público há determinados modos de portar-se e vestir-se, pensemos numa praça pública e numa sala de audiências de um tribunal. No caso da escola não é diferente, ela é um espaço público, portanto deve acolher a diversidade, mas isso não impede que tenha regramentos claros em relação a roupas e comportamentos, visando demarcar suas funções. Ocorre que na hora de definir o regimento, muitas vezes a escola se vê presa no centro de um conjunto de pressões de grupos que não percebem ser ela um espaço público, querem a escola como simples aliada de princípios morais ou projetos políticos muito particulares, querem colonizar o espaço público com vieses privados, o que é especialmente válido para as confissões religiosas (SEFFNER, 2011, p. 565).

Percebemos que a laicidade passa a ser ignorada. O ser humano é naturalmente curioso, na fase da adolescência e da puberdade a descoberta de prazeres emerge. A pornografia por meio da internet, vídeos e imagens circulam em aplicativos nos celulares nos bolsos e bolsas dos adolescentes. A cultura televisiva e midiática contribui nesse processo de (re)descoberta dos corpos, partes ocultas e/ou tidas como proibidas são exploradas, seguidas ou não de afetividades.

Maria Filomena Gregori e Maria Elvira Díaz-Benítez (2012, p. 7) aferem que falar sobre pornografia é adentrar em um território nebuloso, há diversas posições discursivas e pontos de poder, que envolvem desde crítica de mercado, produção de imagens, cultura de massas, teorias da estética da representação, crítica feminista, ótica reformista e religiosa, implicações legais e jurídicas, passando pela moralidade. As pornografias envolvem “[...] termos como vulgar, obsceno, baixo, desvio e transtorno, bem como na diferenciação que tem sido estabelecida pela crítica cultural

entre o erótico e o pornográfico” (GREGORI, DÍAZ-BENÍTEZ, 2012, p. 7) enfim a pornografia está circulante nas mídias e de acesso aos jovens adolescentes.

O grafito da Figura 02 é um dos exemplos sobre a curiosidade nessa descoberta do corpo do outro (feminino). Trata-se de uma figura feminina, apresenta lábios carnudos, seios avantajados à mostra, vestida apenas com uma peça de roupa que tapa a parte inferior do corpo.

Figura 02 – O feminino



Fonte: Acervo fotográfico do pesquisador.

Outra leitura nos permite identificarmos duas linhas paralelas que saem dos 2 triângulos localizados nos mamilos, podendo insinuar algum tipo de biquíni ou fita isolante, prática comum no verão com a finalidade de bronzeamento corporal feminino, realizado geralmente em quintais e lajes. Desde o início do século XX, com a valorização do movimento, do cinema, as atividades físicas e seus benefícios, surgem distintos jeitos de exibir as formas corporais e a contemplação da própria imagem, surge o “se dar a ver” através do banho de mar, de sol, ou de lama (DEL PRIORI, 2014, p. 105-106). Surgem as primeiras rachaduras na repressão. De lá para cá mudanças ocorreram no universo do feminismo. Os grafitos escolares Fig. 2 ilustram o uso das vestimentas femininas para banho de sol e a exposição do corpo feminino, indícios das evoluções e atos de resistências femininas.

Percebemos que há um conjunto de produtos e imagens no mercado erótico, que exibem múltiplos corpos, “[...] prazeres e práticas sexuais, mas principalmente, diversos discursos sobre gênero, raça e outros marcadores sociais da diferença, com

todos seus enunciados e efeitos políticos” (GREGORI, DÍAZ-BENÍTEZ, 2012, p. 7-8). Há ideologias declaradas, ocultas, impregnadas e circulantes inclusive na pornografia, nas questões dos gêneros e sexualidades.

Os corpos, masculinos e femininos, são segmentos explorados e apreciados no universo pornográfico e erótico, consumido também pelos(as) adolescentes. Há dúvidas variadas e os(as) adolescentes tendem a buscarem por respostas sobre as suas incertezas, questões sobre sexualidade, afetividade, prazeres corporais, muitas vezes podem ser manifestadas por meio dos grafitos escolares. Não discutir tais questões na escola é tentar calar o corpo, ou demonstrar aos jovens que a sexualidade é algo proibido, pecaminoso, ruim, não podemos falar sobre ela na escola e devemos direcionar apenas para fins de procriação.

A Figura 03 é outro exemplo de como a feminilidade é representada pelos(as) adolescentes.

Figura 03 – Modelo de feminilidade



Fonte: Acervo fotográfico do pesquisador.

Os “sujeitos de gênero e de sexualidade são, sempre, formas inventadas e sancionadas pelas circunstâncias culturais em que vivemos” (LOURO, 2018, p.80). Sendo assim, Louro nos chama a atenção sobre essas normas construídas arbitrariamente, uma vez que, “alguns sujeitos as repetem e reafirmam e outros delas buscam escapar” (LOURO, 2018, p. 82).

Dentre os sinais que os corpos trazem na Fig. 03, destaca-se o culto ao corpo, ao belo e a magreza, enfim, um corpo sarado. Elementos do capitalismo associado às

mídias, apostam em acessórios, cosméticos, intervenções cirúrgicas, equipamentos de academia, para vender e imprimir boa imagem, estar bem consigo mesmo(a) e bem nas fotos das redes sociais. Apenas para citar alguns dos recursos que ampliam e reafirmam os padrões pré-estabelecidos de gênero e sexualidade.

A sociedade em que vivemos produziu mecanismos que a todo instante associam a sexualidade aos mais diversos temas. Ficamos nervosos quando crianças começam a perguntar sobre sexo, mas escolhemos roupas, produtos de beleza, até mesmo carros ou alimentos mergulhados em algum grau de apelo sedutor, em que a sexualidade está fortemente envolvida. (SEFFNER, 2014, p. 70).

Na Figura 03, acessórios como braceletes, adornos na perna direita da figura feminina apresentada, dialogam com os do braço esquerdo, um tipo de faixa ou bandana na frente, tapando os olhos e compõe seu *look*, os cabelos são lisos e volumosos; as vestimentas são justas, possibilitando a visão das curvas e da sensualidade, atributos que as mulheres devem possuir. “[...] Hoje a mulher deve se produzir na academia, tal como mostram os exemplos paradigmáticos das modelos, mulheres cobiçadas pelos homens poderosos, como os esportistas” (GROSSI, 2004, p. 10). O quadril feminino da mulher brasileira tende a ser um pouco maior que o busto.

Como a escola deve proceder em relação às vestimentas e sexualidade? Diante de elementos sociais e midiáticos que corroboram nesse processo provocativo e por outro lado há discursos políticos e religiosos que exigem da escola a neutralização da sexualidade. Entendemos que o ensino escolar devesse ser laicizado. Seffner observa que:

[...] cobra-se da escola uma postura de “contenção” nas questões de sexualidade dos alunos, mas os programas de auditório, novelas, músicas, revistas, ambientes virtuais e literatura juvenil trazem constantemente provocações, o que torna difícil acertar a medida. Temos uma explosão de meninas divulgadas pela mídia como modelos e manequins, em trajes provocantes, menores de idade ou já maiores, mas nitidamente aparentando corpos quase que de criança. (SEFFNER, 2011, p. 564).

“Os corpos considerados ‘normais’ e ‘comuns’ são também, produzidos através de uma série de artefatos, acessórios, gestos e atitudes que uma sociedade arbitrariamente estabeleceu como adequados e legítimos” (LOURO, 2018, p. 80). Os

modelos que fogem à norma tendem a ser recriminados, negados e recusados. Os corpos masculinos, principalmente femininos podem ser implementados com acessórios, intervenções médicas hormonais e cirúrgicas na busca de valorização de atributos que os normatizam. Percebemos que:

[...] uma lógica heteronormativa rege a sequência que presume que, ao nascer, um corpo deva ser designado como macho ou como fêmea, o que implicará, por conseguinte, assumir o gênero masculino ou feminino e, daí, expressar desejo por alguém de sexo/gênero oposto ao seu”. (LOURO, 2018, p. 88).

Para Guacira Lopes Louro (2018), Michel Foucault (2014; 2018), promoveu uma mudança paradigmática quando se dispôs a examinar a dinâmica do poder e afirmou que este funcionaria numa espécie de rede, exercido a partir de múltiplos pontos, que, simultaneamente, também produziam “resistências” (LOURO, 2018, p. 90). Na multiplicidade de formas corporais e comportamentos para o feminino emergem nos grafitos diferentes representações, incluindo resistências.

Acreditamos que trabalhos como esse contribuem com as discussões sobre gênero e sexualidade em ambiência escolar, temas invisibilizados pela BNCC (BRASIL, 2018). As temáticas gênero e sexualidade são importantes para a ciência, sociedade e ambiente escolar, pois se referem ao indivíduo em sociedade, nas relações com o(a)s outro(as), suas subjetividades, constituição de identidades saudáveis, valorização do respeito a si, a diversidade e assegurado seus direitos sociais.

Figura 04 - Corpo feminino



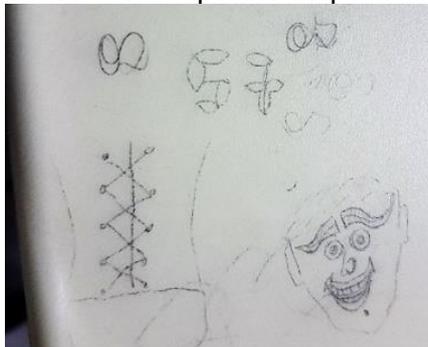
Fonte: Acervo fotográfico do pesquisador.

A Figura 04 expõe um corpo feminino, despido, nádegas e seios abastados, cintura fina, estilo “corpo-ampulheta” (DEL PRIORE, 2014, p. 105). Esse corpo pode ser esculpido em academias, por procedimentos médicos hormonais, intervenções cirúrgicas. Se for uma *drag* poderá “fabricar” o corpo por meio de vestimentas, supressões e adições de elementos, maquiagens e vestimentas para que a mulher surja parodiando a construção de feminilidade tão almejada e admirada. Afinal, para a *drag* “o feminino: ela o admira e, em alguma medida, o apropria; mas o modo como realiza esses movimentos implica e supõe a crítica e a subversão” (LOURO, 2006, p. 1). No processo subjetivo de constituições corporais, um homem pode transvestir-se em mulher ou vice-versa. O respeito às diferenças e diversidade deve ser imperativo.

A efeminofobia, ou seja, esse ódio ao feminino refletido aos homossexuais, transexuais e qualquer símbolo ligado à mulher inferiorizada deve ser combatido inclusive no ambiente escolar. A pedagogia *queer* pode contribuir e perturbar estruturas tradicionais de lugar do homem e da mulher dentro do ambiente escolar, em filas, brincadeiras infantis, como: futebol misto, ou feminino, meninos jogarem queimada, enunciados de problemas matemáticos, são exemplos que podem contribuir para combater a efeminofobia, a misoginia, LGBTfobia e possibilitar a circulação de meninos e meninas entre os universos masculino e feminino culturalmente construídos.

A Figura 05 nos apresenta um provável corpo feminino, vestindo uma espécie de corpete trançado nas costas e calcinha. As costas da figura está voltada ao leitor e à leitora, a parte frontal está direcionada a um possível homem, de sobrancelhas largas e arqueadas, sorriso largo e olhos esbugalhados, sugerindo estar apreciando a parte frontal do corpo feminino e demonstra contentamento ao que vê.

Figura 05 – Olhar para o corpo feminino

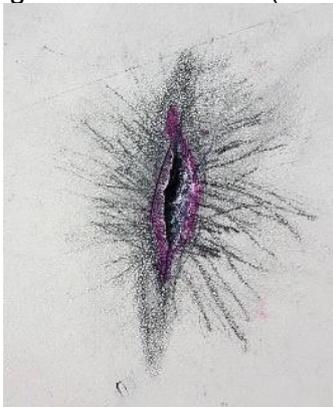


Fonte: Acervo fotográfico do pesquisador.

É possível inferirmos na imagem 05 que se trata de um homem adulto, com mais de 50 anos de idade, uma vez que é possível identificarmos o numeral composto “57” antecedido e sucedido pelos artigos “os”. Admirar ou manter relações com mulheres mais jovens é de certa forma comum e até esperada culturalmente no Brasil, salvo as exceções. Muitos desses encontros sexuais são caracterizados como crimes de abuso sexual infantil e de pedofilia, dependendo da diferença de idades dos envolvidos.

Na Figura 06, é possível identificarmos uma fenda na madeira do tampo de uma carteira. A mesma fenda serviu de inspiração para a construção de uma vulva.

Figura 06 – Desenho (vulva)



Fonte: Acervo fotográfico do pesquisador.

Tal fissura com entalhe profundo serviu de mote para a realização de acréscimos que sugestionam a imagem de um órgão sexual feminino. É possível identificarmos os grandes lábios que receberam destaque de uma coloração diferente, assemelhando ao roxo ou avermelhado. Com auxílio de lápis preto foi adicionado em todo o entorno acréscimos de possíveis pelos pubianos a fim de completarem o desenho.

Na Figura 07, podemos observar a palavra “buceta” escrita com uso de corretivo na lateral do tampo de uma carteira. Tal palavra tem uso frequente, encontramos 11 vezes escrita em locais diferentes, carteiras, cadeiras, muros e paredes.

Figura 07 – Expressão para órgão feminino



Fonte: Acervo fotográfico do pesquisador.

Apesar da tentativa de vulgarizar o aparelho genital feminino, hodiernamente há uma gama de possibilidades para vivenciar a feminilidade de cada um(a). É possível ser romântica, ingênua, avançada, moderna, “pegadora”, sexual, recatada, gostar de homem, gostar de mulher, gostar de ambos. Vivenciar os prazeres de seu corpo, ou fabricar um corpo feminino como as *drags* (LOURO, 2006, p. 1). Nessa construção do feminino.

[...] há, simultaneamente, identificação e distanciamento em relação ao objeto que é parodiado. Ao repetir as supostas marcas do feminino, a *drag* estabelece, então, ao mesmo tempo, uma distância em relação a elas, deixando visível o caráter artificial de sua imitação (LOURO, 2006, p. 1).

Por meio da “ironia, ela aponta a diferença em meio à exagerada semelhança”. A *drag* admira a feminilidade “e, em alguma medida, o apropria; mas o modo como realiza esses movimentos implica e supõe a crítica e a subversão.” Sendo assim percebemos que “a *drag* assume, portanto, que a sua feminilidade é deliberadamente fabricada. Nela fica evidente o caráter construído do gênero” (LOURO, 2006, p. 1).

Na sequência deste fértil campo de multiplicidade feminina, não podemos deixar de relatar uma justificativa masculina em nome da santificação da mulher companheira, traíndo-a em nome da honra dela. Relacionado a essa dicotomia encontramos a expressão “filho da mãe” e a versão ofensiva “filho da p...” ilustrada na Figura 08 com a inscrição “fila da puta”.

Figura 08 – Fila da Puta



Fonte: Acervo fotográfico do pesquisador.

Essa imagem foi encontrada em um muro externo da escola, entalhada com algum material de ponta dura. Para Grossi o uso dessa expressão remete a:

A própria ofensa “filho da p...” ou “filho da mãe” reflete esta dicotomia nos papéis associados ao feminino. Para o modelo mediterrâneo, é justamente no parto e na dor do parto que a mulher se constrói como mais mulher, e o sofrimento acaba se tornando uma questão central para a construção da feminilidade. (GROSSI, 2004, p. 14).

“Putá”, sinônimo de “podre” ou fruto estragado, cumpre um papel importante nessa tríade. “Na tradição cristã que vinha desde os tempos da Colônia, a prostituta estava associada à sujeira, ao fedor, à doença, ao corpo putrefato” (DELL PRIORE, 2014, p.89). Ao prestar seus serviços, satisfaz o homem de família, pai e provedor, auxiliando na manutenção do casamento da “mãezinha” e do “paizinho”, mantendo a família politicamente correta e unida.

Grossi (2004) nos relata que Marit Melhus (1990) dá exemplos clássicos do marianismo “de como as mulheres mexicanas de um pequeno povoado estudado por ela constroem o seu modelo ideal de respeito e virtude sobre o modelo da Virgem Maria”, pois ela era pura e “[...] nunca teve relações sexuais na sua vida e inclusive engravidou sendo virgem”. No “Brasil, país marcado pela influência de várias levas de imigração mediterrânea (espanhóis, italianos, gregos, libaneses, judeus do Magreb, etc.)” esse modelo também se reflete. Segundo Luiz Tarley de Aragão há uma “[...] contradição emocional que este modelo de mãe venerado pelos filhos – sobretudo pelos filhos homens – traz para as relações de gênero no Brasil” (GROSSI, 2004, p. 14). O autor conta a seguinte história:

[...] quando um rapaz, um jovem casadouro, vai procurar uma companheira, uma mulher para acasalar-se, ele vai se guiar pelo desejo sexual; no início do casamento, o amor é marcado pela sexualidade, mas, logo que ocorre a primeira gravidez, esta mulher passa a ocupar simbolicamente outro lugar para este homem. Quando ela se torna mãe, o homem vai deixar de vê-la como uma mulher jovem, desejável, companheira e vai passar a vê-la como uma mulher sagrada, porque ela se tornou mãe como sua própria mãe, que ocupa no seu imaginário um lugar sagrado, intocável. A mãe deste modelo é assexuada como a Virgem Maria. (GROSSI, 2004, p. 14).

O rapaz ao defrontar-se “[...] com a sua mulher tornada mãe e para ele isso se torna um problema complexo.” Associado à linguagem “carinhosa” que atua no inconsciente, causando como solução resultante na transformação da “[...] mulher, ex-companheira, na ‘mãezinha’” e ele será o “paizinho”. Ao se tratarem assim, a sexualidade (desejo) na mulher já deixou de existir e ela passou a ser mãe, “sagrada” sendo assim “[...] não se pode fazer sexo – e é uma das razões que os homens casados alegam ao procurar prostitutas ou prostitutos. Isto é o que se conceitua dentro do campo da honra, de dupla moralidade, ou seja, para um homem é perfeitamente possível ter uma mulher em casa e procurar outras na rua [...]” sem culpa, pois ele está respeitando a sua mulher- mãe-sagrada e paga por sexo com as(os) prostitutas(os) (GROSSI, 2004, p. 14).

Os preceitos das sexualidades vividas no casamento às vezes distam das imagens recolhidas na escola de Pontalinda, pois ali pululam representações diversas nos alertando para a necessidade de compreensão dos anseios juvenis. É notório que as imagens do feminino são geralmente olhares do masculino, no qual elas figuram como objeto de desejo. Acreditamos que algumas imagens que são grafitadas pelas estudantes figurem feminilidades múltiplas às vezes hegemônicas, mas também há aquelas que constroem um novo jeito de viver o feminino.

Considerações finais

A construção da feminilidade hegemônica são falácias construídas e tomadas como verdades universais e inquestionáveis. A partir do momento que se tem consciência dessa corrente discursiva e abusiva, relativa a sexualidade e questões de gênero torna-se possível a quebra dos elos, por meio dos questionamentos, problematizações, discussões e mudanças dos paradigmas sedimentados.

A pesquisa objetivou refletir sobre as representações das sexualidades e de gênero em grafitos produzidos por adolescentes em um ambiente escolar, identificar e analisar nas imagens alguns anseios, dúvidas, construção de feminilidades, as subjetividades, estigmas e preconceitos de gênero.

Os resultados da pesquisa apontam a carência de pesquisas sobre essa temática e a existência crescente de preconceitos de gênero e de sexualidades, na sociedade e também nas escolas. Há necessidade de problematizar questões de gênero e sexualidades nos discursos das políticas curriculares e nos processos de formação de educadores(as). Refletir sobre os processos de (des)construção de preconceitos e de estereótipos generificados permitindo a formação de pessoas críticas e conscientes em suas subjetividades.

Percebemos que os corpos devem apresentar todas as nuances, peculiaridades de atributos dos gêneros (masculino ou feminino) e obrigatoriamente pressupõe-se que se expressem desejos por alguém do sexo oposto ao seu. Esse modelo nos obriga a termos corpos, comportamentos, sentimentos, afetividades, consumos e subjetividades pré-determinados. Os estudos *queer* possibilitam outro olhar, questionativo, fora dos padrões sexuais binários normatizantes.

Os corpos e atos que resistem à sistemática hegemônica tendem a sofrer sanções punições e julgamentos. Fazem-se necessárias significativas mudanças relativas as questões de gênero e sexualidade para que possamos sonhar com uma escola e com um mundo mais tolerante, que valorize, reconheça os direitos de todos(as). Essa deve ser uma luta contínua.

Notas

* Adriano Rogério Cardoso é mestrando do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade de Paranaíba-MS. Psicólogo e professor da Rede Pública de Ensino de São Paulo. E-mail: adrianor345@hotmail.com

** Tânia Regina Zimmermann é doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente do curso de História da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Amambai e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da UEMS/Paranaíba-MS. E-mail: taniazimmermann@gmail.com

¹ O dialeto refere-se ao ato de traição, por ele ter sido traído por ela.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. *Lei n. 11.340*, de 07 de agosto de 2006. Em vigor, 22 de setembro 2006. **Lei Maria da Penha**, dispõe a punir atos de violência contra a mulher.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf. Acesso em: 7 jul. 2019.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**. 2 ed. São Paulo: Planeta, 2014.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

FERREIRA, Horácio dos Reis Marques. **Trabalhadores Boias-Frias da cidade de Pontalinda-SP**. São Paulo: Editora Nelpa, 2013.

FORTUNA, José. Música: **O Ipê e o Prisioneiro**, 1944. Disponível em: <https://www.letras.com.br/jose-fortuna/o-ipe-e-o-prisioneiro>. Acesso em: 26 fev. 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. 3.ed. ver. amp. Argos, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

GREGORI, Maria Filomena; DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. "Apresentação". **Cadernos Pagu**, nº 38, p. 7-12, jan-jun, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/issue/view/1122>. Acesso em: 28 ago. 2019.

GROSSI, Miriam Pilar. Identidade de Gênero e Sexualidade. **Antropologia em Primeira Mão**, n. 24, PPGAS/UFSC, Florianópolis, 1998 (revisado em 2010).

_____. 75 Masculinidades: Uma revisão teórica. **Antropologia em Primeira Mão**, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFSC, n. 1 (1995) Florianópolis, 2004.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 201-210, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ptp/v22n2/a10v22n2.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. Feminilidades na pós-modernidade. **Labrys, études féministes/estudos feministas**, junho/ dezembro, 2006. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys10/riogrande/guacira.htm> . Acesso em: 16 fev. 2019.

PACÍFICO, João (Letra) / TORRES, Raul. Música: **Cabocla Tereza**, 1944. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/joao-pacifico/389187/> Acesso em: 26 fev. 219.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Gênero, sexualidade e heterotopia: entre esgotamentos e possibilidades nos currículos. In.: **Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa(ações) nos espaços de educação**. RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes; SEFFNER, Fernando; VILAÇA, Teresa (Org.). Rio Grande: Ed. da FURG, 2018. p. 7-27.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. (Coleção Primeiros Passo; 103). 32ª reimpr. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. **Semiótica aplicada**. 2 ed. São Paulo, Cenage Learning, 2018.

SEFFNER, Fernando. Sexualidade: isso é mesmo matéria escolar. **Rev. Teoria e Prática da Educação**, v. 17, n. 2, p. 67-81, mai./ago. 2014.

_____. Um bocado de sexo, pouco giz, quase nada de apagador e muitas provas: cenas escolares envolvendo questões de gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, 336, p.561-572, maio/ago. 2011.

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **E-cadernos CES (Online)**, v. 18, p. 1-25, 2012.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e Poder**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

Anexos

ANEXO 1- Música: *O Ipê e o Prisioneiro*
(José Fortuna, 1944)

Quando há muitos anos fui aprisionado nesta cela fria
no segundo andar da penitenciária lá na rua eu via
quando o jardineiro plantava um ipê e ao correr dos dias
ele foi crescendo e ganhando vida enquanto eu sofria

Meu ipê florido junto à minha cela,
hoje tem altura de minha janela
Só uma diferença há entre nós agora
aqui dentro as noites não têm mais aurora
Quanta claridade tem você lá fora

Vejo em seu tronco cipó parasita te abraçando forte
enquanto te abraça suga a tua seiva te levando à morte
Assim foi comigo ela me abraçava depois me traía
Por isso a matei e agora só tenho sua companhia

Meu ipê florido junto à minha cela
Hoje tem altura de minha janela
Só uma diferença há entre nós
Agora aqui dentro as noites não têm mais aurora
Quanta claridade tem você lá fora!

ANEXO 2- Música: *Cabocla Tereza*
(1944) - Composição: João Pacífico (Letra) / Raul Torres (Música)

Lá no alto da montanha
Numa casinha estranha
Toda feita de sapê
Parei numa noite à cavalo
Pra mór de dois estalos
Que ouvi lá dentro bate
Apeei com muito jeito
Ouvi um gemido perfeito
Uma voz cheia de dor:
"Vancê, Tereza, descansa
Jurei de fazer a vingança
Pra morte do meu amor"
Pela réstia da janela
Por uma luzinha amarela
De um lampião quase apagando

Vi uma cabocla no chão
E um cabra tinha na mão
Uma arma alumiando
Virei meu cavalo a galope
Risquei de espora e chicote
Sangrei a anca do tar
Desci a montanha abaixo
Galopando meu macho
O seu doutô fui chamar
Vortamo lá pra montanha
Naquela casinha estranha

Eu e mais seu doutô
Topemo o cabra assustado
Que chamou nós prum lado
E a sua história contou

Há tempo eu fiz um ranchinho
Pra minha cabocla morá
Pois era ali nosso ninho
Bem longe deste lugar.

No arto lá da montanha
Perto da luz do luar
Vivi um ano feliz
Sem nunca isso espera

E muito tempo passou
Pensando em ser tão feliz
Mas a Tereza, doutor,
Felicidade não quis.

O meu sonho nesse oiá
Paguei caro meu amor
Pra mór de outro caboclo
Meu rancho ela abandonou.

Senti meu sangue fervê
Jurei a Tereza matá
O meu alazão arriei
E ela eu vô percurá.

Agora já me vinguei
É esse o fim de um amor
Esta cabocla eu matei
É a minha história, dottor.

Recebido em: junho de 2019.

Aprovado em: janeiro de 2020.